

ONOMATOPEIAS BRASILEIRAS: UMA VISÃO LINGUÍSTICO-ECOSSISTÊMICA

Hildo Honório do Couto
Anderson Nowogrodzki da Silva
Davi Borges de Albuquerque

Leitoras e leitores, existem onomatopeias fora das revistas em quadrinhos, dos mangás e da literatura infantil!

Abstract: The objective of this article is twofold. The first and most important thing is to make as detailed a survey as possible of the onomatopoeias used in communicative interactions in the context of Brazilian Portuguese. This is because almost all existing essays dedicated to them collect data from comic books or other published sources. The everyday onomatopoeias of Brazilians only comes into play only secondarily. The second objective is to present a principle of classification and, above all, interpretation of this linguistic manifestation, showing that they are part of the living language, the language that is seen in communicative interactions between people. The theoretical basis is ecosystemic linguistics.

Key-words: onomatopoeias; Language as interaction; Ecosystemic linguistics.

Resumo: O objetivo deste artigo é duplo. O primeiro e mais importante é fazer um levantamento o mais pormenorizado possível das onomatopeias usadas em interações comunicativas no contexto do português brasileiro. Isso porque quase todos os ensaios existentes dedicados a elas coletam os dados em revistas em quadrinho ou em outras fontes publicadas. As onomatopeias do dia a dia dos brasileiros só entram aí como coadjuvantes. O segundo objetivo é apresentar um princípio de classificação e, sobretudo, interpretação dessa manifestação linguística, mostrando que elas são parte da língua viva, a língua que se vê nas interações comunicativas entre as pessoas. A base teórica é a linguística ecossistêmica.

Palavras-chave: Onomatopeias; Língua como interação; Linguística ecossistêmica.

1. Introdução

Por mais estranha e absurda que possa parecer a asserção da epígrafe, decidimos incluí-la porque de uma longa procura por ensaios acadêmicos dedicados às onomatopeias do nosso dia a dia no Brasil, notamos que aparentemente uns 99% deles se dedicam à questão das onomatopeias em revistas em quadrinhos, tirinhas, mangás, literatura infantil ou algo semelhante. Isso se deve certamente à dificuldade para coletar dados da observação de pessoas em conversas informais. É muito mais fácil colhê-los em material publicado, como os mencionados. Diante dessa escassez de ensaios acadêmicos sobre as onomatopeias usadas em nossas interações comunicativas quotidianas, nosso principal objetivo neste artigo é tentar preencher essa lacuna, listando os exemplos encontrados e começando a interpretá-los. Afinal, essa escassez ou quase inexistência de ensaios sobre o assunto não se justifica, pois, em determinados contextos as onomatopeias ocorrem com relativa frequência. Alguns desses contextos são os diálogos entre crianças, entre adolescentes, bem como entre adultos e membros dessas faixas etárias. Até em diálogos informais entre adultos elas podem ocorrer, e não apenas quando falam com crianças ou com adolescentes.

Algumas gramáticas normativas e algumas expositivas às vezes mencionam o assunto, mas frequentemente na seção dedicada às interjeições, como se pode ver já em Ribeiro (1957). A linguística moderna as ignora solenemente, com raras exceções, como Saussure (comentado mais abaixo) e Jespersen (1922), que fala delas na seção do livro dedicada à linguagem infantil. Curiosa e excepcionalmente, o gerativista Steven Pinker tocou no assunto no contexto da relação palavra-coisa. Porém, seu interesse principal era, no fundo, mostrar que as onomatopeias não se comportam morfologicamente como as demais palavras da língua. Vale dizer, seu interesse é a abordagem formal e as onomatopeias são investigadas pelo lado negativo, pelo que elas não são. Seu objetivo era mostrar porque elas não pertencem à língua, no sentido da língua-i da gramática gerativa e da *langue* de Saussure (PINKER, 2000, p. 153-155). É assim em toda a linguística formal, que vê a língua primordialmente como sistema, sendo o uso subsidiário dele. A linguística ecossistêmica que seguimos inverte a perspectiva, colocando o sistema como subsidiário do uso, ou seja, formado da observação de como as pessoas interagem comunicativamente entre si em sua vida quotidiana, como se pode ver em Couto (2015) e nas referências que aí se encontram, como Coseriu (1967).

Uma senda de investigação em que se pode ver uma ou outra nota sobre as onomatopeias é a do que se tem chamado de fonossimbolismo, simbolismo fônico, simbolismo sonoro e assemelhados. Nesse caso estão o já mencionado Jespersen (1922), Sapir (1969), Jakobson (1960) e, sobretudo, Wescott (1976). Em Couto (1974) há uma pálida tentativa de aplicar as ideias de Sapir e Jakobson a dados do português. Entre outras coisas, esse ensaio tentou mostrar porque naquela época o empate de um jogo de futebol em 0 x 0 era chamado de jogo *oxo* [‘ošo], lendo-se a exposição do resultado do jogo como se fosse uma palavra. A justificativa dada então foi que o som [o] ocorre em muitas palavras com sentido de algo insípido, sem graça, desenhado etc., como se pode ver em palavras como *chocho*, *choco*, *borocoxô*, *bobo*, *tolo* e *oco*, entre muitas outras, dadas como exemplo. Isso já sugere alguma motivação no signo linguístico, no sentido de Saussure (1973, p. 82-83). O fato é que, os linguistas geralmente não têm se interessado pelo estudo das onomatopeias que ocorrem em conversas espontâneas. Por isso, nosso objetivo é investigá-las da perspectiva da língua como interação, não primordialmente como sistema.

Como já sugerido acima, a teoria por trás da presente pesquisa é naturalmente a versão da ecolinguística conhecida como linguística ecossistêmica. Para tanto remetemos os leitores à já extensa bibliografia sobre o assunto, como Couto (2015), publicado em *ECO-REBEL*. Aliás, outros números de nossa revista contém um grande número de ensaios teóricos e aplicados dedicados a essa teoria. Afinal, a revista é publicada pelo grupo que a mantém, o GEPL (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecossistêmica), com o apoio da Universidade de Brasília. Esse grupo

está registrado nos grupos de pesquisa do CNPq e mantém o *site* Linguística Ecológica (www.ecoling.unb.br). Como já se pode ver no nome, o *site* contém muito material sobre a linguística ecológica, inclusive o *Boletim do GEPLA*. Mas, ele contém ainda muito material sobre a ecolinguística em geral. A revista está hospedada no Open Journal System do portal da UnB.

Como em todas as áreas, também na das onomatopeias há muita influência do inglês. Em grande parte isso se deve ao impacto das revistas em quadrinho, que frequentemente são traduções de publicações americanas, mas não só, como as da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa. A língua e a cultura americanas em geral interferem na língua e cultura brasileiras, e na de todos os países, por sinal. Porém, isso não será investigado no presente trabalho.

2. Conceituando onomatopeia

O *Novo dicionário Aurélio* define onomatopeia como sendo a "palavra cuja pronúncia imita o som natural da coisa significada (*murmúrio, sussurro, cicio, chiado, mugir, pum, reco-reco, tique-taque...*)", embora desses oito exemplos apenas os três últimos são diretamente onomatopeias. Os demais seriam, quando muito derivados de onomatopeias; eles entrariam na categoria geral do simbolismo sonoro. Apesar disso, essa definição é boa, pois deixa entrever que as palavras onomatopaicas imitam, e não reproduzem specularmente, "o som natural da coisa significada".

Há outras definições, anteriores e posteriores à do *Aurélio*. Entre as anteriores poderíamos aduzir a de Ernesto Carneiro Ribeiro. Para ele, "a onomatopeia é som imitativo da coisa significada, a pintura dos objectos pelos sons. É a onomatopeia o echo da natureza; é como a alma da harmonia pittoresca e da poesia imitativa". O autor continua afirmando que "as onomatopeias [...] traduzem a realidade material fora de nós", "levão o espírito, que as ouve, a pensar no mundo". Aliás, ele fala delas na seção dedicada às interjeições, dizendo que "as interjeições [...] indicão as sensações, os vários estados de nossa alma"; levam o espírito a "pensar n'alma e nos seus diversos estados, em suas situações diferentes" (1957, p. 474), assunto desenvolvido mais pormenorizadamente em Couto & Couto (2023, p. 39-43).

Não é só Carneiro Ribeiro que associa as onomatopeias às interjeições. Já na virada do século XIX para o XX, Wilhelm Wundt, fundador da nova ciência da psicologia – como a psicologia experimental e a psicologia social – dedicou à linguagem o primeiro capítulo de seu livro *Völkerpsychologie (Psicologia cultural)* em dez volumes. As onomatopeias foram associadas às "interjeições primárias", que chamamos de prototípicas, diferentes de suas "interjeições secundárias", que compreendem nossas locuções interjetivas e interjeições vocabulares. É o que se vê no Apêndice, reproduzido de Couto & Couto (2023, p. 40). No subtítulo do livro de Wundt, nota-se que seu objetivo eram as leis da evolução linguística. Ele inclui o vocativo e o imperativo no mesmo contexto das interjeições/onomatopeias, como resquícios ou fósseis de estágios iniciais da linguagem (WUNDT, 1904).

Mais próximo de nós temos Georges Kleiber, que também apresentou importantes argumentos para o entendimento das onomatopeias, mas, como sempre, associando-as às interjeições: para ele, há intersecção entre onomatopeias e interjeições. Porém, acrescenta, "há onomatopeias que são interjeições e outras que não o são do mesmo modo que há interjeições que são onomatopeias e outras que não o são" (KLEIBER, 2006, p. 11), o que confirma a escala de prototipicidade onomatopaica exposta mais abaixo. É bom ressaltar que já em 1928 o linguista soviético Lev V. Ščerba afirmara que "com certeza não há nenhum fundamento para considerar expressões onomatopaicas como *miau miau* e *au au* como interjeições" (ŠČERBA, 1984, p. 250). Roger Wescott inclui as onomatopeias e o simbolismo sonoro em geral no que chama de alinguagem, que seria o estudo das "periferias da linguagem". Nessa área entraria toda manifestação sonora que

ECO-REBEL

contém algum matiz de significação expressiva, contextual, conotativa, como o exemplo brasileiro de *oxo* discutido na introdução. Aí entrariam ainda recursos mímicos, cinésicos, proxêmicos e paralinguísticos. De qualquer forma, Wescott não usou a palavra “onomatopeia” nem quando dá exemplo do que assim é chamado pela tradição. Nas línguas africanas existem também os ideofones, que também apresentam afinidades com as onomatopeias (COUTO, 1995). O inglês tem muitas expressões de cunho icônico, às vezes dando a impressão de que não há limite entre as onomatopeias propriamente ditas e itens lexicais da língua em geral. Para se verem inúmeros exemplos, basta dar uma olhada nas revistas em quadrinhos não apenas inglesas, mas até nas brasileiras, muito influenciadas por elas (WESCOTT, 1976). Muitos tropos e conceitos da poética estudados na retórica também têm algumas afinidades com a questão da iconicidade na linguagem (TAVARES, 1978).

As tentativas de caracterização das onomatopeias sugerem que o diferendo delas relativamente às interjeições é seu caráter mimético, ou pretensamente mimético. Onomatopeia é aquela palavra que se relaciona com o ser ou ação a que se refere mediante uma reprodução aproximada do som que ele ou ela produz, quer seja uma coisa, um animal e ou um ser humano. É a palavra que sugere ou se pretende que sugira a coisa denominada por tentativa de reproduzir o som emitido por ela. De qualquer forma, dadas as afinidades e intersecções entre onomatopeias e interjeições prototípicas, propomos uma escala de prototipicidade, ou de onomatopaicidade, partindo do pressuposto de que prototípico é o espécime mais típico de uma espécie, o mais representativo dela, de acordo com Eleanor Rosch (ROSCH, 1973). Assim, quanto mais à direita na escala maior é o grau de prototipicidade onomatopaica e maior a distância das interjeições; quanto mais à esquerda, menor é esse grau e maior a proximidade das interjeições.

	psiu/psit	fiu fiu	tchum	pocotó	atchim
	oba	créu	vapt vupt	cocoricó	au au
	epa	nhoc	bafafá	toc toc	miau
	chii/chchch	buu	catapimba	tic tac	muu
Interjeição	_____				Onomatopeia
	Escala de prototipicidade onomatopaica				
	Escala de onomatopaicidade				

Às vezes é difícil decidir se *créu*, *fiu fiu*, *mimimi*, *nhem-nhem-nhem* e *vapt vupt* se enquadram em uma categoria ou na outra. Algumas onomatopeias não são prototípicas, pois não reproduzem som emitido por algum ser. É o caso de *bafafá*, *catapimba* e *tatibitate*, entre outras. Elas têm a ver mais com o que acreditamos que acontece com determinada ação.

No Apêndice pode-se ver uma proposta de classificação geral das exclamações, das quais as interjeições são uma parte, por oposição às onomatopeias. Inicialmente, as exclamações se subdividem em oracionais e interjetivas. As exclamações interjetivas, por seu turno, podem ser locuções interjetivas, interjeições vocabulares ou interjeições prototípicas. São estas últimas que apresentam algumas afinidades com as onomatopeias, motivo pelo qual estão ao lado delas. Em Couto & Couto (2023) há mais discussão sobre esse assunto.

As interjeições, e algumas exclamações, são manifestações do indivíduo que as profere diante de algo que provoca admiração, espanto, susto ou medo, por um lado, ou alegria, satisfação, entusiasmo, por outro lado. Elas sempre revelam emoção, positiva ou negativa. As onomatopeias são palavras que, por sua configuração sonora, são tidas pelos usuários como reprodução ou

imitação do som que algum ser (animado ou inanimado) emite, com o que são usadas para referir a esse ser. De acordo com Saussure, são signos pelo menos parcialmente motivados.

3. Exemplos de onomatopeias

Como já adiantado acima, não existe muita publicação acadêmica elencando as principais onomatopeias brasileiras usadas no dia a dia das pessoas e, muito menos, ensaios interpretativos, pois elas são consideradas periféricas e difíceis de coletar. Os autores do pouco que existe sobre o assunto apresentam longas teorizações, nos deixando ansiosos por exemplos. Os que apresentam alguns exemplos em geral os tiram de revistas em quadrinhos. Por isso apresentamos uma lista das onomatopeias que conseguimos coletar. Só incluímos aquelas que parecem se enquadrar nas definições vistas acima e que ocorreram em falas espontâneas, pois nós as colhemos da memória que temos como falantes nativos de português e do que ouvimos ao observar as pessoas se comunicando em nosso entorno, o que não exclui um certo subjetivismo, mas, como evitá-lo 100%? Mostramos os exemplos a vários colegas que sugeriram alguns acréscimos, supressões ou correções. Com toda certeza, outros investigadores poderiam levantar uma lista parcialmente diferente. Assim sendo, qualquer comentário ou crítica construtiva serão bem-vindos, pois esta é apenas uma tentativa de mostrar que a linguística ecossistêmica considera as onomatopeias parte da língua viva – por ocorrerem em atos de interação comunicativa quotidianos –, motivo pelo qual nos propomos examiná-las. Justamente por ser uma tentativa, outros investigadores poderão discordar tanto da lista quanto da interpretação. A discordância fundamentada é bem-vinda, pois é parte do quefazer científico.

Dividimos as ocorrências em quatro tipos diferentes, de cuja classificação outros investigadores poderão, de novo, discordar. Mas, é uma tentativa de classificar as onomatopeias e dar início a sua interpretação pela linguística ecossistêmica. Primeiro, temos os sons produzidos ou provocados por humanos e/ou dirigidos a eles. Em seguida vêm os produzidos por animais, sons que frequentemente são usados para designar o animal que os produz. Em terceiro lugar temos os sons produzidos por seres inanimados. Em quarto lugar, os sons que indicam qualidade, atitude e modalidade da ação. Alguns deles não são necessariamente produzidos por um dos três seres anteriores. Há uma quinta categoria que chamamos de pseudo-onomatopeias, isto é, palavras que pelo significante parecem onomatopeias, mas cujo significado não é propriamente imitativo do som de algum ser. Em sexto lugar apresentamos algumas poucas tentativas de representar onomatopeias graficamente, sobretudo como se vê nas redes sociais.

3.1. Sons produzidos ou provocados por humanos e/ou dirigidos a eles

-*atchim* = som de espirro

-*bla-bla-blá* = conversa fiada, vazia de sentido etc.

-*buáá* = som de choro barulhento

-*fíu fíu* = assobio, frequentemente como elogio ou cantada a uma pessoa atraente

-*fuu* = sopro

-*lá-lá-lá* = cantarolar, cantar sem que necessariamente seja determinada canção

-*mimimi* = som para alguém que está sempre reclamando, a maioria das vezes sem motivo

-*nhem-nhem-nhem* = o mesmo que *mimimi* (do tupi *nheeng* ‘falar, fala, língua’)

-*pum* = som de flatulência

-*ha ha ha* = risada (apresenta muitas variações, como *ra ra ra*, *hehehe*, *hihihi*)

-*reco-reco* = instrumento musical basante simples cujo som é produzido por fricção

-*tchibum* = som de pulo na água

-*tim-tim* = a) som de brinde tocando as taças; b) *tim-tim por tim-tim* = detalhadamente

ECO-REBEL

- toc toc* = som de bater à porta
- tum-tum* = batidas do coração
- zum-zum* = vozerio, barulho de muita gente falando ao mesmo tempo

3.2. Sons produzidos por animais

- au au* = latido do cachorro
- béé* = berro de cabrito/cabra
- bentivi* = som produzido pelo pássaro que leva esse nome
- cocoricó* = som produzido pelo galo
- cri cri* = som do grilo
- fogo apagô* = rolinha fogo-apagou (*Columbina squammata*)
- glu glu* = som do peru
- miau* = som do gato
- muu* = berro do boi/da vaca
- pinhé/pinhéu* = gavião-pinhé, carcará branco (tem outros nomes)
- piu-piu* = som de pássaros e aves em geral; também usado para o pênis de criança pequena
- pocotó* = som das patas do cavalo/da égua galopando
- quá quá* = som produzido pelo pato
- quero-quero* = som produzido pela ave que leva este nome
- tô fraco* = som da galinha de angola (em algumas regiões, também chamada de *cocar*)

3.3. Sons produzidos por seres inanimados

- bi bi* = som de buzina de carro
- blém blém* = badalar de sinos
- bum* = explosão (de bomba por exemplo)
- cabruuum* = trovão
- chuá* = barulho da chuva/de água caindo
- dlim dlão* = campainha, sino
- piuí-tic tac* = som para trem andando e apitando, em brincadeira com criança pequena
- plim plim* = som da TV Globo
- tic tac* = som de relógio
- trrrim-trrrim* = telefone tocando
- tuc tuc* = triciclo com carroceria usado por catadores de lixo no Distrito Federal
- tum* = som de algo pesado caindo ou batendo
- vrum/vum* = som de carro em alta velocidade ou arrancando bruscamente

3.4. Sons que indicam qualidade, modalidade da ação

- auê* = tumulto, confusão, alvoroço (*ele aprontou um auê danado*) (origem na umbanda?)
- babau* = algo que se perdeu irremediavelmente (*Se a empresa falir, o salário babau*)
- bafafá* = tumulto, confusão, bagunça
- catapimba* = resolução de algo, frequentemente precedido de *pimba*: *pimba* e *catapimba*
- cataplã* = queda brusca de algo
- chué* = chocho, sem graça (do tupi)
- lero-lero* = conversa fiada, conversa mole, conversa pra boi dormir
- muxoxo* = som parecido com o beijo produzido pela língua e lábios como sinal de desdém
- nham-nham/niam-niam* = ato de comer (acompanhado de gesto com a mão na direção da boca)

ECO-REBEL

-*nheco nehco* = a) brincadeira, gracejo (*Fazer nehco nehco para as crianças*); b) os movimentos do ato sexual

-*nhoc* = ato de abocanhar

-*pá* = barulho de pancada, de um objeto batendo em outro

-*pá pum* = som de bater e resolver (a questão)

-*patati patatá* = ora isso, ora aquilo; ora dizendo isso, ora dizendo aquilo

-*tatibitate* = que tem dificuldade com as palavras, indeciso, fraco

-*tchum* = indica algo como “não se importa”: *Te amo e você nem tchum!* (letra de música de Maiara e Maráisa).

-*tititi* = nome de novela da TV Globo de 1985, com *remake* em 2010 que passou a designar conversa miúda, falatório, *diz-que-diz-que, mimimi, nhem nhem nhem*.

-*vapt-vupt* = bem rápido (teria sido criada pelo humorista Chico Anysio)

-*zás/zás-trás* = ação rápida e decidida

-*zigue-zague* = linha sinuosa

Vale lembrar que formas semelhantes a *nham-nham/niam-niam* existem em muitas línguas oeste-africanas, como o fula, o wolof, efik, haussá, chichewa etc. Em Bartens (2000, p. 135-136) vê-se que elas ocorrem em vários crioulos atlânticos e do Oceano Índico (Ilha Maurício, Seychelles etc.) bem como em ewe, kikongo e em línguas bântu em geral. Ocorre em várias línguas europeias, em azerbaijani e em línguas mais distantes como o malaio. Seria uma tendência onomatopaica geral ou teria a ver com o inhame (*yam*), um dos alimentos principais que os navegadores dos séculos XV-XVI utilizavam e propagavam para o mundo inteiro? Na língua motu da Papua-Nova Guiné existe a forma *aniani* no mesmo sentido. Enfim, vale a pena uma investigação filológica sobre o uso dessas formas pelo mundo afora. Quem sabe se possa descobrir se *niam-niam* para comer é um universal onomatopaico ou é uma forma que foi sendo levada para o mundo todo pelos navegadores europeus?

3.5. Pseudo-onomatopeias

3.5.1. Derivados de palavras da língua (portuguesa ou estrangeira) ou de partes delas

-*bumbum* = nádegas (da primeira sílaba de *bunda*) (ver. 3.5.2)

-*chororô* = lamuria, choro, reclamação (de *choro*, como em *Menino, para com esse chororô!*)

-*dandá* = andar, em geral com a ajuda do adulto (houve cópia do [d] no início de *andá*) (ver. 3.5.2)

-*dindim* = dinheiro (talvez derivado da primeira sílaba da palavra: *dinheiro*)

-*dodói* = ferida, machucado (de *dói*, do verbo *doer*: *tá dodói* = está doendo, está doente) (ver 3.5.2)

-*dondoca* = mulher que não trabalha e só se preocupa com futilidades (talvez de *dona* + [d]oca?)

-*gogó* = pomo de adão, garganta; palavrório vazio (de *goela?*, como em *Ele só tem gogó*).

-*jururu* = triste, macambúzio (to tupi)

-*mamata* = vantagem indevida sobretudo na administração pública (talvez de *mamar*, como em *Eles mamam nas tetas do governo*)

-*mimi* = dormir (reduplicação da última sílaba de *dormi*) (ver 3.5.2)

-*papatu* = sapatu (assimilação do [s] inicial ao [p] da sílaba tônica) (ver 3.5.2)

-*pepeta* = chupeta (assimilação do [š] inicial ao [p] da sílaba tônica) (ver 3.5.2)

-*xereta* = bisbilhoteiro, enxerido (de *cheireta* < *cheirar?* Que fica cheirando tudo?)

3.5.2. Maternalês ou *baby talk*

- bebê* = criança recém-nascida
- bumbum* = nádegas (da primeira sílaba de *bunda* (ver 3.5.1))
- cocô* = fezes (fazer cocô = defecar, cagar)
- dandá* = andar, em geral com a ajuda do adulto (ver. 3.5.1)
- dodói* = ferida, machucado (de *dói*: *tá dodói* = está doendo, está doente)
- mamá* = peito, sugar o peito da mãe
- mimi* = dormir (ver 3.5.1)
- neném* = o mesmo que *bebê*
- papá* = comer, comida
- papatu* = sapatu (ver 3.5.1)
- pepeta* = chupeta (ver 3.5.1)
- pipi* = órgão sexual da criança
- titica* = fezes, sobretudo de aves, sujeira (titica de galinha)
- xixi* = urina (*fazer xixi* = urinar, mijar)

Alguns hipocorísticos como: *Zeze* (< *Zé* < *José*), *Dudu* (< *Edu* < *Eduardo*), *Lulu* (< *Lúcia/Luzia*), *Bebeto* (*Beto* < *Roberto*) e outros lembram muito os processos do maternalês, internacionalmente conhecidos como *baby talk*. Isso acontece porque entram na categoria do simbolismo fonético diretamente, logo, na das onomatopeias indiretamente.

3.5.3. Outros

- borocoxô* = desanimado, sem energia
- bufunfa* = dinheiro
- chabu* = bomba ou foguete que não explode quando acionado, ou seja, *dar chabu* (variante *jebu*)
- chilique* (ter um *chilique*) = *piti*, *piripaque*
- chué* = de pouco valor, rele, descuidado, relaxado, sem graça
- fofoca* = mexerico, diz-que-diz-que, futrica
- jururu* = melancólico; acabrunhado (vem do tupi)
- lelé* (*lelé* da cuca) = doido, amalucado
- muvuca* = agrupamento ruidoso de pessoas, geralmente jovens; agito
- neca* = nada, como e *as contas chegam, mas dinheiro que é bom neca*.
- piti* (dar *piti* = ter um ataque de nervos, chilique)
- piripaque* (ter um *piripaque*) = parecido com *dar piti*.
- xoxota* = nome popular para a vagina (variante *xota*).

Por falar em *neca*, há uma outra forma de negação que lembra o maternalês e o fonossimbolismo em geral. Trata-se de *na na ni, na não* (Filha: Posso comer o chocolate? Mãe: *na na ni na não*).

3.6. Representação gráfica de onomatopeias nas redes sociais

Na comunicação nas redes sociais e até por outros meios escritos frequentemente se representam alguns sons onomatopaicos e outros mediante o uso de abreviaturas. Não vamos explorar este assunto. Basta lembrar o caso de “riso”, “risada”.

- he he he* =riso, risada
- ka ka ka* =riso, risada
- rsrsrs* = riso, risada

Não se pode esquecer também o largo uso dos chamados *emojis* de que já existem longas listas, como as que são usadas na comunicação via WhatsApp. Antes dos *emojis* já havia os *emoticons*, com finalidade bem parecida, embora muito mais restrita.

4. Fonossimbolismo

É importante lembrar que mesmo os sons relacionados a não humanos são representados pelo modo como os humanos os percebem. Afinal, esses sons são produzidos por eles, em sua linguagem, ou algo próximo dela. A percepção humana é a base de tudo.

É preciso acrescentar que existem verbos e substantivos derivados de onomatopeias, ou que são de caráter onomatopaico, antigamente estudados sob a rubrica de “vozes dos animais”. Ribeiro (1957, p. 474) apresenta diversos exemplos, entre eles, *grunhir*, *roncar*, *cacarejar*, *rincho*, entre muitos outros, aos quais poderíamos acrescentar *miar*, *cacarejar*, *coaxar*, *piar*, *mugir*, *berrar*, *mugir* etc. Temos também nomes de animais que lembram o som que emitem, como *quero-quero*, *cocar* (galinha de Angola), *pinhé/pinhéu* (tipo de gavião), *fogo apagou* (rolinha), *bentivi* e outros. Este último é o *Pitangus sulphuratus*, nome que ocorre sob forma bem parecida em outros países, como os de língua espanhola na América do Sul, tais como *benteveo* e *bienteveo* (CABRERA, 2016). Wescott (1976) tem estudado de longa data o que chama de *sound symbolism* (simbolismo sonoro) e as “periferias da língua” no inglês. Trata-se de palavras que aparentemente não são onomatopeias, mas as lembram, como *muxoxo* e as que foram mencionadas na Introdução, a propósito do som [o] em português. Isso é parte da categoria mais geral do iconismo linguístico.

Tem havido muitas exclamações e onomatopeias adaptadas do inglês e até o uso de onomatopeias sob a forma inglesa, sobretudo nas revistas em quadrinhos e em filmes de desenho animado. Entre as primeiras poderíamos mencionar *uau* (<wow) e *bum* (<boom); entre as segundas, *bang bang*, *ops*, *quack*, *sniff* etc. *Cabrum* (som de raio, trovão) parece ter sentido diferente no Brasil e nos EUA.

A propósito, no inglês as onomatopeias abundam. Há até palavras correntes da língua que têm algo de onomatopaico. Existem inclusive onomatopeias que derivam de palavras correntes da língua. Roger Wescott faz um apanhado geral de várias configurações de sons/fonemas em inglês cuja função é ir na mesma direção que as onomatopeias, ou seja, tentar refletir a coisa designada diretamente no som da palavra, iconicamente, fonossimbolicamente (WESCOTT, 1976). Os exemplos de *fouet* (chicote) e *glas* (dobro de sinos) de Saussure mencionados mais abaixo estão nesse caso. Em português poderíamos dar o exemplo de *chororô* (choradeira), que parece onomatopeia, mas é derivado do substantivo “choro”. O mesmo vale para *dindim*, derivado da primeira sílaba de “dinheiro” e significa “dinheiro” em linguagem informal e popular, e para *gogó* (pomo de Adão, garganta), provavelmente derivado de “goela”.

Há inclusive expressões com palavras da língua que lembram as onomatopeias, como *toma lá, dá cá*. Às vezes nem apresentam onomatopaicidade propriamente dita, mas num sentido mais geral são icônicas. É o caso de metáforas como *dez p’ras duas* (pessoa cujos pés juntos ficam na forma de V). O sufixo *udo* forma muitas palavras de natureza icônica, como em *barrigudo* (aquele que tem barriga grande). O *cabeção*, o *pezão*, o *cagão* (aquele que caga muito), o *mijão* (aquele que mija muito) etc. Enfim, Roger Wescott não deixa de ter razão ao dizer que há mais motivação – o signo motivado de Saussure – do que imaginamos.

5. Arbitrariedade do signo

Como sequência natural do que foi dito na seção anterior, podemos discutir o que Saussure (1973, p. 81-84) chamou de arbitrariedade do signo retomando a discussão do *Crátilo* de Platão sobre o assunto, por oposição à motivação, ou seja, se a palavra se refere à coisa por convenção ou contém

em si algo dela. Sobre a ideia de que as palavras onomatopaicas não seriam signos arbitrários, por serem tradicionalmente tidas como imitativas de sons do mundo, Saussure disse que “O contraditor se poderia apoiar nas *onomatopeias* para dizer que a escolha do significante nem sempre é arbitrária. Mas elas não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico. Seu número, além disso, é bem menor do que se crê. Palavras francesas como *fouet* (chicote) ou *glas* (dobre de sinos) podem impressionar certos ouvidos por sua sonoridade sugestiva; mas para ver que não têm tal caráter desde a origem, basta remontar à suas formas latinas (*fouet* derivado de *fagus*, ‘faia’, *glas* < *classicum*); a qualidade de seus sons atuais, ou melhor, aquele que se lhes atribui, é um resultado fortuito da evolução fonética”. Apesar de alguns autores considerarem esses dois exemplos como onomatopeias, na verdade eles são resultado de evolução de palavras normais do francês. Aqui entraria também o *chororô* brasileiro.

Ainda de acordo com Saussure, “Quanto às onomatopeias autênticas (aquelas de tipo *glu-glu*, *tic-tac* etc.), não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos (compare-se o francês *ouaoua* e o alemão *wauwau*). Além disso, uma vez introduzidas na língua, elas se engrenam mais ou menos na evolução fonética, morfológica etc., que sofrem as outras palavras”. Um exemplo que ele dá é a palavra latina *pipio*, que era uma onomatopeia, mas, com o tempo, evoluiu para *pigeon* (pombo). Isso é “prova evidente de que perderam algo de seu caráter primeiro para adquirir o do signo linguístico em geral, que é imotivado” (SAUSSURE, 1973, p. 82-83). O autor chega a fazer uma classificação das onomatopeias, entre as prototípicas, que ele chamou de autênticas, e as demais, que, por exclusão, seriam não prototípicas. No mais, não há nada para ser contestado em suas observações, a não ser o fato de ter ignorado que as onomatopeias são parte integrante da língua como interação comunicativa.

Poderíamos falar em motivação icônica (Peirce), ou por similaridade (Jakobson), e motivação indicial (Peirce), ou por afinidade (Jakobson). A motivação das palavras onomatopaicas em geral é icônica. Será que existe motivação indicial ou por afinidade? Esta última emerge claramente do movimento onomasiológico, da coisa à palavra, mas pode ocorrer também o contrário, uma palavra não onomatopaica adquirir características onomatopaicas, como *fouet* e *glas* do francês vistos acima. Wescott (1976) apresenta inúmeros exemplos desse tipo para o inglês.

As pseudo-onomatopeias de 3.5 não são as únicas formas de expressão que vão na direção do iconismo linguístico estudado por Sapir, Jakobson, Wescott e outros, ou seja, no sentido contrário ao da arbitrariedade geral do signo (da palavra). Sapir (1969), por exemplo, demonstrou que há muitas palavras com o som [i] para algo pequeno, delgado e fino, por um lado, e palavras com [a] para algo grande, amplo etc. Isso já pode ser visto na forma *-inho* para diminutivo e *-ão* para aumentativo. Palavras como *tiquinho*, *pititico* e *pequeninho* por oposição a *grande* e *grandalhão* são bons exemplos. O som [u] ocorre muito em palavras com sentido de *escuro*, *lúgubre*, *soturno* e outras. Jakobson (1960), por sua vez, mostrou que o fato de haver palavras com [m] para mãe e com [p] para pai tem alguma motivação fisiológica. Tanto que formas como [mama] e [papa] ocorrem em línguas muito distantes uma da outra tanto tipológica quanto geograficamente, para pai e mãe, respectivamente. Os verbos *mamá* (mamar) e *papá* (comer) estão no mesmo caso onomasiologicamente. O significado original de muitas palavras pode ser matizado (intensificado) por alongamento de vogais como em *maa.raa.vii.lhoo.so*; por reduplicação, como em *empurra-empurra*, em que há mais significado pela duplicação do significante; por uma maior intensidade no acento da palavra (*leVÁNta!*) etc. Em todos esses casos, o conteúdo da palavra é modificado por alteração na expressão, o que vai na direção da motivação saussuriana (COUTO, 2007, p. 203-212). A indicação da solicitação-pergunta pela elevação da voz, deixando-a em suspenso e aguardando uma complementação (resposta), é claramente de natureza icônica. As expressões das

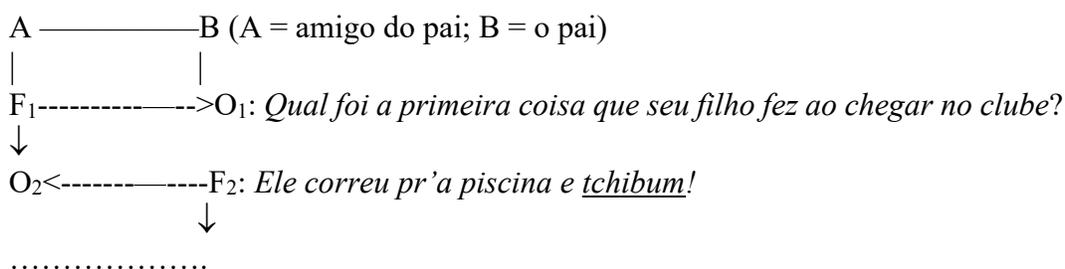
línguas de sinais, como a LIBRAS, são em grande parte icônicas. Enfim, na língua como interação há mais motivação do que se pode imaginar e as onomatopeias são um bom exemplo disso.

6. Onomatopeias e o conceito de língua-como-interação

É bom lembrar pela enésima vez que para a linguística ecossistêmica a língua não é mero instrumento de comunicação, mas a própria comunicação, ou interação comunicativa. Ao analisarmos qualquer fenômeno linguístico, encaramo-lo da perspectiva do papel que ele desempenha nela. Em Couto & Couto (2023), por exemplo, pode-se ver que até mesmo os processos ditos gramaticais (sintáticos, morfológicos, fonológicos) são analisados do ponto de vista de sua contribuição para o entendimento nos atos de interação comunicativa. As onomatopeias não seriam exceção a isso.

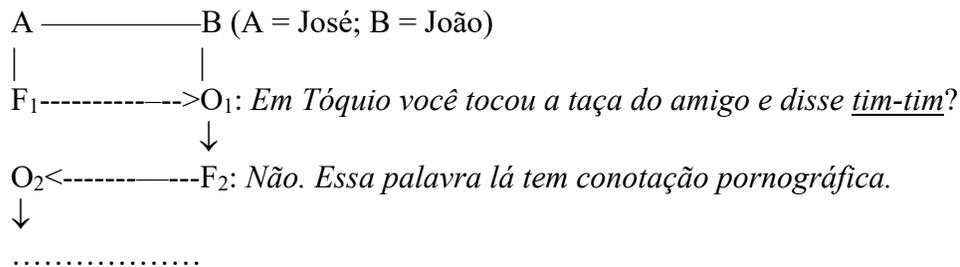
A linguística ecossistêmica vê a língua como interação, de que há dois tipos, que são interação pessoa-pessoa e interação pessoa-mundo, paralelas às interações organismo-mundo e interação organismo-organismo, do ecossistema biológico. A interação pessoa-mundo (falando) é a significação ou referência; a interação pessoa-pessoa é a comunicação. As onomatopeias entram diretamente na interação pessoa-mundo, ou seja, a relação de significação ou referência. Mas, sabemos que nos referimos a algo fora da linguagem comunicando e comunicamos referindo-nos a algo fora da linguagem (as coisas, ações, qualidades do mundo). Os dois processos são as duas faces da mesma moeda. Portanto, as onomatopeias são claramente interacionais. A própria fórmula da referência já implica que nos referimos a algo em atos de interação comunicativa. Assim, $r=F^L C$ diz que referência (r) é o ato pelo qual o falante (F) se refere a coisas (C) do mundo usando a linguagem (L), pois da perspectiva ecológica a língua é uma espécie parasita da população (MUFWENE, 2002, p. xii). Tuso isso vale também para o que Wittgenstein chama de descrição. Como disse Saussure, “Todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção” (SAUSSURE, 1973, p. 82). Podemos acrescentar que tudo que é convencional é-o por ser compartilhado pelos membros da comunidade de língua e da comunidade de fala. O compartilhamento imerge, submerge e emerge na interação, como já mostrava a etnometodologia (GARFINKEL, 1974; GARCÍA, 2013). Afinal, ninguém usa onomatopeias em solilóquios, mas em interlúquios.

Admitindo-se que as onomatopeias são parte integrante da língua-como-interação, fica faltando examinar seu lugar no fluxo interlocucional. As interjeições são via de regra enunciados de nível 2, que é o nível das asserções, dos enunciados-respostas declarativos e informativos. É o nível da satisfação-reposta a uma solicitação-pergunta, que pertence ao nível 1. Quanto às onomatopeias, normalmente também ocorrem no nível 2, como em:



Mas, elas podem também ocorrer no nível da solicitação-pergunta e até nos demais níveis, dependendo da respectiva ecologia da interação comunicativa em que entrem. Eis um exemplo de ocorrência pelo menos aparentemente de nível 1 (aparentemente porque a pergunta de F_1 pressupõe

que ele sabia que F₂ tinha ido a Tóquio e encontrado com um amigo de lá, o que nos leva a pensar que tim tim seria de nível 2.



Enfim, aqui temos mais uma prova da interlocucionalidade das onomatopeias. Como sempre, as reticências no final desses minidiálogos indicam que eles poderiam ter continuidade, e devem ter tido.

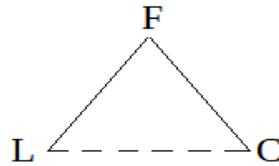
7. Observações finais

Na seção 3 as onomatopeias foram distribuídas por quatro tipos. Trata-se, porém, de mera tentativa, pois se trata de uma categoria de difícil classificação. Mas, nem por isso devemos deixá-las de lado. Afinal, o fenômeno onomatopeia é tão espontâneo que a qualquer momento alguém pode criar um novo exemplo. Na seção 3.3, sobre os sons produzidos por seres inanimados, já foi mencionado o exemplo de *tuc tuc*. Uns tempos atrás, em uma pequena cidade do interior do país se deu o nome de *baco-baco* a um veículo semelhante cujo motor era tão lento que seu ruído lembrava esse som. Um sertanejo da região de Caetés (PE), incomodado com o barulho das hélices eólicas próximas a sua casa, disse que elas sempre fazem “aquele zuco-zuco”. Jespersen (1922, p. 151) já havia dito que “as crianças inventam formas próprias”, como “Frans (2.3) que cunhara a palavra *vakvak* que sua mãe ouvira algumas vezes sem entender o que ele queria dizer. Um dia ele apontou para alguns corvos repetindo a mesma palavra”. Quando sua mãe lhe disse que essas aves eram *krager* (em dinamarquês), não *vakvak*, ele abandonou seu *vakvak* em prol de *krager*. Uma filha do primeiro autor com cerca de um ano e meio dizia *papau* apontando para uma pintura em um muro que se via da janela. Ele nunca descobriu o que ela queria dizer com esse som.

A interação entre o falante e a coisa usando a linguagem é chamada de significação, designação, nomeação ou, mais tecnicamente, referência. Porém, via de regra ninguém se refere a uma coisa estando sozinho ao percebê-la ou se lembrar dela. Normalmente ninguém proferiria a palavra “árvore” ao ver uma árvore. Normalmente nos referimos a algo em uma interação pessoa-pessoa, no que é conhecido como interação comunicativa ou, mais comumente, apenas comunicação. A onomatopeia entra diretamente no primeiro tipo de interação (pessoa-mundo, levando a linguagem), ou seja, a referência. Como foi pioneiramente mostrado por Peirce (1972, p. 94), em sua interação com o ouvinte, o falante (F) se refere às coisas (C) do mundo usando as palavras, a linguagem (L), com o que temos a figura a seguir, que deve ser lida assim: a palavra, ou a linguagem (L) em geral, se refere à coisa (C) apenas por intermédio dos falantes (F), fato que normalmente se dá em interações comunicativas. A linha segmentada sugere que a relação entre L e C só se dá passando por F.

Trocado em miúdos, a palavra não é algo que está pairando no ar e se relacionando com uma coisa também pairando no ar, como os filósofos pareciam acreditar desde Platão (428/427-348/347 a.C.) até pelo menos o aparecimento de Charles Sanders Peirce (1839-1914). Em comparação com o signo de Peirce (ver a fórmula da referência acima!), L está para signo, F para interpretante e C para referente. Mais, como já dito, isso se dá prototipicamente na interação pessoa-pessoa, ou seja, na interação comunicativa.

ECO-REBEL



Gostaríamos de trazer à discussão o que disse Rosália Dutra em um artigo dedicado às onomatopeias, a despeito do fato de ela não ter se libertado da quadrimania, a mania de ver as onomatopeias quase como fenômeno que ocorre exclusivamente em revistas em quadrinhos. Ela as compara com outras formas de “linguagem expressiva”, considerando-as uma das manifestações mais expressivas da linguagem. Nesse tipo de expressão, “a língua pode minimizar seu conteúdo proposicional em favor de uma força mais expressiva”. A autora diz ainda que as onomatopeias são usadas no discurso direto, que “é utilizado para imitar, reproduzir ou demonstrar, e não para descrever”. Assim, “a ocorrência dessa construção no discurso resulta da necessidade de se fazer que a mensagem pareça corresponder o mais exatamente possível ao que o falante apresenta como sendo o original”. Para Dutra, onomatopaicamente “as palavras são usadas para demonstrar uma ação, em vez de significá-la” (DUTRA, 1997, 1941-152).

Enfim, o uso de onomatopeias revela maior vivacidade, mais intensidade expressiva, maior contextualização e, até certo ponto, maior telurismo. Ainda de acordo com a proposta de Dutra, elas refletem mais algo visto, ouvido ou percebido de um modo geral do que algo lido. Ao usá-la o falante está como que trazendo a coisa àquele com quem fala, em vez de simplesmente “falar” dela.

O estudo científico das onomatopeias pode parecer algo ocioso, pois, como vimos, elas são consideradas pouco numerosas e manifestações periféricas da língua. No entanto, o que interessa ao linguista ecossistêmico não é propriamente a quantidade de ocorrências e de tipos nem o *status* de determinado fenômeno linguístico no *status quo* linguístico, mas se ele é usado ou não. E as onomatopeias são efetivamente usadas, sobretudo nos registros mais informais da língua, como o infantil, o juvenil e outros. Se algo ocorre é porque é parte da língua, que deve ser encarada holisticamente, em sua inteireza, não apenas em suas manifestações mais “proposicionais”, mais “padrão”, como disse Dutra (1997), mais “nobre”, poderíamos acrescentar.

A origem grega da palavra já nos dá uma pista sobre a interlocucionalidade das onomatopeias. Ela foi formada pela combinação de ὄνομα [ônoma] que significa “nome” e ποιέω [poieo] que quer dizer “criar”, donde o nome ὀνοματοποιία [onomatopoiía] que deu o nosso “onomatopeia”. Ora, nós só criamos nomes para aquilo de que precisamos falar e só falamos de algo com alguém se temos nome para esse algo. Tudo isso se dá em interlúquios, não em solilúquios.

Referências

BARTENS, Angela. *Ideophones and sound symbolism in Atlantic Creoles*. Helsinki: The Finnish Academy of Science and Letters, 2000.

CABRERA, Juan Carlos Moreno. Onomatopeya, Delocutividad y Fonosimbolismo en la Ornitonimia Latinoamericana. *Liburna* n. 9, p. 117–166. 2016.

<https://riucv.ucv.es/bitstream/handle/20.500.12466/483/moreno.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madri: Gredos, 1967.

COUTO, Hildo Honório do. Sentimento linguístico. *Construtura*, ano 2, n. 1, p. 47-53, 1974.

- _____. Exclusive particles (ideophones) in Guinea-Bissau creole. In: BAKER, Philip (org.) *From contact to creole and beyond*. Londres: University of Westminster University Press, p. 207-215 (Westminster Creolistics Series 1), 1995.
- _____. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____; COUTO, Elza Kioko N. N. do. Por uma gramática ecossistêmica do português brasileiro. *ECO-REBEL* v. 9, n. 3, p. 2-50, 2023.
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>
- DUTRA, Rosália. Discurso direto e onomatopeia: A mímica verbal na fala cotidiana. *Alfa – Revista de linguística* n. 41, (número especial), p. 141-169, 1997.
- GARCÍA, Ángele Cora. *An introduction to interaction: Understanding talk in formal and informal settings*. Londres: Bloomsbury, 2013.
- GARFINKEL, Harold. (1974) The origins of the term ethnomethodology. In: TURNER, R.T (org.) *Ethnomethodology*. Harmondsworth: Penguin, p. 15–18, 1974.
- JAKOBSON, Roman. Porque ‘mama’ e ‘papa’. *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, p. 75-85, 1960.
- JESPERSEN, Otto. *Language: Its nature and use*. Londres: George Allen & Unwin Ltd, 1922.
- KEIBER, Georges. Sémiotique de l'interjection. *Langages*, ano 40, n. 161, p. 10-23, 2006.
- MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PINKER, Steven. *Words and rules*. New York: Perennial, 2000.
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Estudos gramaticais e filológicos*. Salvador: Livraria ProGRESSO Editora, 1957.
- ROSCH, Eleanor H. Natural categories. *Cognitive Psychology* v. 4, n. 3, p. 328–350, 1973.
- SAPIR, Edward. Estudo de simbolismo fonético. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, p. 101-117, 1969 (original: 1929).
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 5ed., 1973.
- ŠČERBA, Lev V. Über die Wortarten im Russischen. In: BERÉSIN, F. M. (org.). *Reader zur Geschichte der sowjetischen Sprachwissenschaft*. Leipzig: VEB Bibliographisches Institut, p. 148-256, 1984.
- TAVARES, Ênio. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 6ed., 1978.
- WESTCOTT, Roger. Allolinguistics: Exploring the peripheries of speech. *The second LACUS Forum*. Columbia, S.C.:Hornbeam Press, p. 497-513, 1976.
- WUNDT, Wilhelm. *Völkerpsychologie: Eine Untersuchung der Entwicklungsgesetze - Sprache, Mythos und Sitte (Erster Band Die Sprache)*. Leipzig: Wilhelm Engelmann, 1904, 2ed. (original 1900). (Wilhelm Maximilian Wundt: 1832-1920).

ECO-REBEL

APÊNDICE

A título de comparação, apresentamos uma visão geral das onomatopeias no contexto das exclamações e das interjeições.

EXCLAMAÇÕES				ONOMATOPEIAS
Oracionais	Interjetivas			
	Locuções interjetivas	Interjeições vocabulares	Interjeições prototípicas	
				<i>atchim</i> <i>au au</i> <i>béé</i> <i>bentivi</i> <i>bla-bla-blá</i> <i>buáá</i> <i>catapimba</i> <i>chuá</i> <i>cocoricó</i> <i>cri cri</i> <i>fogo apagou</i> <i>glu glu</i> <i>lá-lá-lá</i> <i>miau</i> <i>muu</i> <i>pá</i> <i>pá pum</i> <i>patati patatá</i> <i>pinhé/pinhéu</i> <i>piu-piu</i> <i>pocotó</i> <i>pum</i> <i>quero-quero</i> <i>ha ha ha/ rá rá rá</i> <i>reco-reco</i> <i>tatibitate</i> <i>tchibum</i> <i>tchum</i> <i>tic tac</i> <i>tim-tim</i> <i>toc toc</i> <i>vrum/vum</i> <i>zum-zum</i> <i>etc.</i>
<i>Esta estrada é muito estreita!</i> <i>Aquela vista é linda!</i> <i>Como é estreita a estrada!</i> <i>Deus me livre!</i> <i>Deus te ouça!</i> <i>Não enche o saco!</i> <i>Puta que pariu!</i> <i>Quantos peixes você pegou!</i> <i>Vai à puta que pariu!</i> <i>Vai tomá no cu!</i> <i>(Isto) é muito caro!</i> <i>etc.</i> (A maioria das orações declarativas, afirmativas ou negativas, pode ter uma versão exclamativa)	<i>Alto lá!</i> <i>Ave Maria!</i> <i>Cruz credo!</i> <i>Meu Deus!</i> <i>Nossa senhora!</i> <i>Pelo amor de Deus!</i> <i>Putá merda!</i> <i>Puxa vida!</i> <i>Quanto peixe!</i> <i>Que cara idiota!</i> <i>Que estrada estreita!</i> <i>Quem dera!</i> <i>Que vista linda!</i> <i>(Também) pudera!</i> <i>etc.</i>	<i>Alá!</i> <i>Ave!</i> <i>Basta!</i> <i>Bis!</i> <i>Bravo!</i> <i>Calma!</i> <i>Caramba!</i> <i>Caralho!</i> <i>Credo!</i> <i>Cuidado!</i> <i>Droga!</i> <i>Fora!</i> <i>Fui!</i> <i>Jesus!</i> <i>Misericórdia</i> <i>Nossa!</i> <i>Porra! / Pô!</i> <i>Puxa!</i> <i>Socorro!</i> <i>Tadinho!</i> <i>Tomara!</i> <i>Vaza!</i> <i>Viva!</i> <i>Vixe!/Ix/</i> <i>etc.</i>	<i>Ã?</i> <i>Af!</i> <i>Aah!</i> <i>Ai!/ai ai!/Ai ai ai!</i> <i>Buu!</i> <i>Chii!/Chhh!</i> <i>Eba!/Epa!</i> <i>Eco!/Eca!</i> <i>Ei!</i> <i>Eia!</i> <i>Eita!/Eta!</i> <i>Fiu-fiu!</i> <i>Hein!/Hein?</i> <i>Hum!</i> <i>Iih!</i> <i>Òh!/óh!</i> <i>Ôh!</i> <i>Oba!</i> <i>Opa!</i> <i>Oxente!</i> <i>Psit!/Psiu!</i> <i>Putz!</i> <i>Uai!/ué!/uê!</i> <i>Uhu!</i> <i>Ui!</i> <i>Vixe/Ixi/ix!</i> <i>etc.</i>	

Aceito em 02 de janeiro de 2023